



GRATIDÃO

— AOS —



HEROES DO 1.º DE DEZEMBRO DE 1640

Egregios restauradores da nossa amada patria

e insignes reconquistadores da liberdade

Consagra este Numero Unico

EM HOMENAGEM DE RESPEITO E ADMIRAÇÃO

A Academia do Lyceu Central e do Seminario Conciliar
de Braga

1.º DE DEZEMBRO DE 1898

" . . . O heroismo na prosperidade é bello, na adversidade é sublime. Ser grande, sendo tudo grande, é facil. O difficil é ser grande, quando tudo é pequeno; intremulo, quando tudo vacila; apumado, quando tudo baqueia; perseverante em meio da inconsequencia; incorruptivel em meio da corrupção; e, por entre a argila terrena, a fragilidade terrena, inteiro e de bronze! . . . "

(Do Exc.^{mo} Conego Senhor Dr. Alves Mendes).



A COMMISSÃO

LYCEU

Presidente — *João Machado Carneiro*
Secretario — *José Joaquim Ribeiro*
Thesoureiro — *Antonio Carlos Rodrigues de Azevedo*

Vogaes

Antonio Baptista Mendes Guimarães
Adelino Mendes da Cunha Vieira
Antonio Fernandes d'Araujo
Amaro José d'Oliveira
Arnaldo Carlos Lamas d'Oliveira
João José Dias Barbosa
João Baptista Alves de Sousa
João Candido Novaes e Sousa
Joaquim d'Araujo Couto
José Baptista Pereira
Manuel Antonio Pereira
Manuel do Rosario Dias Leite

SEMINARIO

Presidente — *Laurindo Marques d'Oliveira*
Secretario — *João Joaquim de Sousa*
Thesoureiro — *Manuel d'Araujo Couto*

Vogaes

Antonio A. Gomes Granja
Antonio Pereira Martins
Antonio Lopes d'Amorim
Antonio Luiz da Cunha Coutinho
Francisco do Livramento G. Brandão
Joaquim Gonçalves Dias
João Manuel Baptista
José Maria Vieira Martins
José Rodrigues
José da Fonseca Figueiredo
José Rodrigues dos Reis
Manuel Antonio Pereira

Penetrada do maior reconhecimento, agradece respeitosa-
mente a prova de consideração e estima que se dignaram dis-
pensar os Exc.^{mos} Collaboradores d'este «NUMERO UNICO» á
Academia Bracarense, enviando-lhe para esta manifestação pa-
triotica briosas composições, dignas de todo o louvor pelo seu
brilhantismo e do maior apreço pela sua gentileza.

Braga, 1—XII—98.



Acrisolemos o patriotismo



«... Meditar nos perigos é dos prudentes, fugir-os é dos cobardes; conhecê-los, arcar com elles, e vencê-los é dos heroes...»

(Do Ex.^{mo} Senhor Alberto Pimentel).

PORTUGUEZES, suspendamos n'este dia nossos trabalhos; invoquemos nossa origem; apercebamo-nos de entusiasmo e curvemos nossas frentes para saudar os nomes immortaes d'esses vultos gloriosos que, no 1.^o DE DEZEMBRO DE 1640, se ergueram revigorosos a sobre-dourar as nossas tradições gloriosas, ostentando a um tempo o valor da nossa crença religiosa e o nosso lidimo amor patrio!

Ao procurar-se prestar homenagem condigna a esses—que só manifestaram o que eram, que só mostraram o valor que tinham, que só patentearam publicamente o muito para que aproveitavam, quando viram que a salvação da sua patria dependia do sacrificio da sua vida—sentiremos que nossas ideias se perturbam e nossos corações se inflammam! Mas... na confrontação d'esse passado brioso com este presente desanimador nossas forças abatem-se; e esta commemoração festiva, que a academia bracarense prepara hoje á sua patria, mais parece ser uma humilhação, lembrando-lhe esses dias tão felizes d'outra ora, do que uma homenagem respeitosa! Porem, devidamente apreciada, notamos que, se este proceder é incompativel com o estado actual da nossa patria, não podemos deixar de confessar que é conciliavel com o ardor de nosso amor patrio; e se é quasi improprio este entusiasmo, no meio das questões melindrosas que nos occupam, não deve ser desprezavel no meio do desanimo em que nos encontramos, porque n'isto queremos mostrar quanto estimamos a independencia da nossa amada patria e quanto desejamos que os nossos patenteem altas lições. Pois são tão extraordinarias e tão solennes as circumstancias em que nos achamos que, se d'um lado o reino fidelissimo exige de seus mais experimentados filhos a prudencia e o talento, d'outro reclama o entusiasmo da mocidade das escholas na commemoração das datas indestructivas de nosso velho Portugal, para que assim, estas solemnidades lembrem a existencia das gloriosas datas, que possui a nossa historia e que lembram feitos immortaes, que constantemente reclamam dos portuguezes todo o respeito, respeito que deve ser manifestado nos dias felizes da nossa patria, conservando as suas glorias, e nos seus dias de desventura, arrancando dos perigos que a podem perder, alentos que a hão de salvar!

E, já que assim é, cumpramos o dever, que n'este momento—em que auctoridade nos falta, que as leis se esquecem, que a intrepidez se despreza, que a justiça se abandona, que a patria se desacredita e a religião se menospresa—bem difficil será de satisfazer. Mas, nós somos crentes e portuguezes, e sabemos que «a audacia tem sido sempre o distinctivo do nosso caracter; a fé, o timbre de nossos heroes»; e, portanto, mostremos que somos patriotas, que um eloquente orador lá nos está a dizer que «em cada bom patriota palpita a alma da patria, em cada portuguez Portugal» (*). Vamos, em um arroubamento, imitar esses maiores. Diamantisemos a historia com fei-

tos d'amor patrio; afidalguemos a nossa fama com o cumprimento do nosso dever; e vitalisemos a patria com a religião dos nossos avós! N'este momento supremo, cumpre, sem demora, arrancar a patria da ruina para levá-la á prosperidade; do desalento ao heroismo; do soffrer ao bem-estar! N'este lance angustioso, é preciso que respeitemos a bandeira da patria, que ainda ha bem pouco tempo foi abraçada pelo nosso exercito, que, mais uma vez com a fidalguia de seu valor, a defendeu, briosamente e com applausos de todos, em longiquas paragens!

E' chegado o momento! Realem mães com a fidalguia de D. Philippa de Vilhena; prelusam paes com a generosidade de D. João de Castro e apremem-se os novos com os velhos na defeza heroica d'esta nação d'honra, de valor e patriotismo! E' um dever; não podemos deixar de patentear ao mundo novas dedicações e gloriosos exemplos, nobilitando-nos como briosos portuguezes e engrandecendo-nos como valentes e dilectos filhos d'esta patria, que foi de heroes e pertence hoje a martyres!!...

Braga, I—XII—98.

PELA COMMISSÃO ACADEMICA

Laurindo Marques d'Oliveira.



DEUS E PATRIA



DEUS E PATRIA! que formosissimo lemma! que dōces palavras! que grandiosas ideias! que soberanos principios! que resplendentes fanaes!

RELIGIÃO E PATRIOTISMO! Onde encontrar sentimentos capazes de fazer vibrar mais intensamente as fibras intimas do coração humano? Onde ha ali ideias que possam e devam mais profundamente empolgar, absorver, dominar toda a actividade enorme, toda a energia pujantissima da nossa alma?

Religião e Patriotismo não se excluem, não collidem, não são sentimentos antinomicos; harmonisam-se, casam-se, completam-se.

O Christianismo, sem embargo de ter como caracteristica a universalidade, reconhece e aprimora, enaltece e consagra a devoção civica, o affecto ao paiz natal. Todos os homens somos irmãos, oriandos do mesmo tronco, remidos pelo mesmo sangue, peregrinando no mesmo exilio, destinados á mesma patria,—ensina esta Religião augustissima. Todos os homens somos irmãos, e como irmãos devemos amar-nos. Todos devemos considerar-nos membros d'uma só familia. Todos nós somos um em Christo, segundo o energico dizer do grande Paulo: *Omnes vos unum estis, fratres, in Christo*. A idéa da fraternidade universal é certamente uma das mais bellas conquistas do Evangelho. O Evangelho todavia não prohibe, antes recomenda que amemos com especial affecto o torrão que nos foi berço, o solo onde repousam as cinzas de nossos avós, a terra onde pela primeira vez nossos olhos viram a luz do céo, onde nosso peito hauriu o primeiro sôpro vital, onde nossos labios começaram de soltar palavras balbuciantes e onde nossos tenros braços enlaçaram o amoroso collo de nossas mães.

Vêde-o bem claramente no proprio Fundador do Christianismo. Vêde como o Deus-Homem sentiu e sacrificou este vehemente affecto. «Jerusalem! Jerusalem!—exclama Elle ao avistar a cidade de David:—quantas vezes

(*) Do Ex.^{mo} Conego Snr. Dr. Alves Mendes.

quize eu congregar teus filhos, do mesmo modo que a galinha, ao presentir o perigo, reúne os pintainhos debaixo de suas azas maternas, e tu não o quizeste!... Ah! se conhecêras neste teu dia, neste dia que a misericórdia de meu Pae ainda te reserva, o que convem á tua paz e á tua salvação!...» E assim dizendo, o meigo Jesus vertia amargo pranto, porque previa a ruina imminente, a funestíssima desolação da reprobada Salem, que Elle tanto amava.

Os bons christãos foram sempre bons cidadãos. Os que obedecem punctualmente aos preceitos divinos, timbram por igual em cumprir com fidelidade e dedicação os deveres civicos. Fervorosos discipulos de Christo eram os soldados da legião thebana, e apesar disso, ou antes por isso mesmo, eram os mais aguerridos defensores da patria.

Oh! e quando a patria se chama *Portugal*, quem não ha de amál-a extremosamente!?

Portugal! «ditosa patria minha amada, onde os céos com a terra abençoada rivalizam nas galas e primôres» (*),—nação heroica e generosa, fadada para ensinar ao mundo quanto póde um povo pequeno animado d'um grande espirito,—nação inclyta e radiante de glorias, de glorias taes e tantas, que, como se foram demasiado péso para tam escasso corpo, te fizeram vergar a fronte abatida,—quem poderá recusar-te entranhado affecto!?

Augusto, Arcebispo d'Evora.

AMAR e promover com dedicados esforços a independencia da Patria—eis o sentimento nobilissimo em que procuram inspirar-se os que se honram de ser seus filhos.

Fôra em verdade esse tão patriótico sentimento que levou nossos heroicos antepassados a sacudir o jugo castelhano, que tão dolorosamente opprimira a nação de que se orgulharam de ser filhos. E todas as manifestações que hoje e de futuro vizarem á emitação d'esse sentimento tão digno e tão patriótico, dentro dos limites, porém, aconselhados pela prudencia e caridade christã, não poderão deixar de attrahir sempre os mais calorosos applausos.

E bem dignos d'elles são os briosos alumnos do Lyceu e do Seminario de Braga pelo levantado e patriótico empenho, que nutrem em promover taes manifestações no proximo mez de Dezembro.

Vizeu—Novembro de 1898.

José, Bispo de Vizeu.

1.º DE DEZEMBRO DE 1640

PRETENDIDO e importunado, desde o berço, conserva todavia Portugal—ainda hoje!—a liberdade e a independencia primeva.

Em mais de sete seculos de existencia, apenas o sopro vital, que o animou em Ourique, essa força, essa luz, que tanto o distinguiu já no mundo, chegou a soffrer um passageiro eclipse, um lethargo de sessenta annos, uma catalepsia de nação; surgindo della, qual antes, livre, bello e glorioso!

Protegera-o Deus, como seu reino dilecto; dera-lhe o estandarte das *Quinas*; fizera-o grande e temido, quer nos mares procellosos, que o respeitaram, quer nas terras fa-

(*) Soares de Passos.

mosas, que descobrira em quatro mil leguas de extensão; assistira-lhe constantemente, em batalhas decisivas e das mais perigosas, tornando o sempre vencedor contra forças avantajadas, e em crises humanamente desesperadas; e elle crescêra assim, robustecêra-se, ostentava as galas do pôder, e bemdizia o Creador no jubilo da abundancia; mas, um dia, qpulento com os despojos do Oriente, que desencantára, seduzido com o gôso dos primores, que monopolisava, deixou-se inebriar por esse opio de delicias e... perdeu a liberdade e a independencia;—como quem abdica os movimentos no grato corrosivo do *hatschich* e dorme sob a influencia do veneno que o tentára.

Mas os guerreiros lusitanos, se operáram pela bravura, quanto pode o maior valente, obtendo da protecção divina o que é vedado aos humanos, por mais fortes e corajosos, fôram felizmente sempre crentes, pios, reconhecidos e humildes perante Deus; nunca a si proprios arrogáram as glorias da Providencia; nunca se atreveram a pensar, que a autonomia e prosperidade da patria se devia exclusivamente ao saber e ao denodo dos seus generaes e á disciplina e ao brio de seus valerosos soldados; e por isso do mesmo desfallecer, da propria fraqueza, que os prostra, toma a Bondade Infinita o melhor ensejo para bem claramente patentear ao mundo, que não deixára de os amar, que os amava como d'antes; resuscitando-os incolumes desse lethargo perigosissimo, a que deveriam inevitavelmente succumbir, se o toxico violento da oppressão, que em geral assassina os grandes povos, não perdesse milagrosamente a sua efficacia contra o pequenino Portugal.

Antonio, Bispo de Lameço.

RESTAURAÇÃO

DO 1.º DE DEZEMBRO DE 1640

SE alguem ha, que até hoje inda não lêsse,
Como talvez devia,
Da lusa gente nos annaes doirados
O feito d'este dia,
A esse com verdade bem se póde
Dizer abertamente
Que, bem que lido seja, e muito saiba,
Não sabe certamente
Quanto custa á escrava d'um tyranno,
Mais fero que o leão,
O jugo sacudir, em poucas horas,
Da tal escravidão.
Quanto denodo, quanta galhardia,
Emfim, quanto valôr,
Precisa d'empregar a pobre escrava,
Tomada de pavor,
P'ra recobrar sómente á sua custa,
Sem mais ninguém, sósinha,
O seu perdido throno, a sua coroa,
Seu septro da rainha,
Saber-se póde só, depois de lido,
Depois de bem pensado,
O feito nunca feito d'este dia,
Por Lysia praticado.
Quem d'elle quizer, pois algo saber,
Não se descuide de tal feito lér.

Abade de Leiria.

..... Snr.



carta que v. me dirigio em 9 do corrente mez veio-me surprehender muito agradavelmente por me demonstrar que a Academia de Braga, em nome de quem v. me pede um artigo para o seu numero unico do 1.º de Dezembro, não esqueceu as para mim inolvidaveis provas de estima com que me honrou em Janeiro ultimo—n'estes tempos de impressões fugitivas e promptos esquecimentos, não podia deixar de me ser sobremaneira grato o ver que as manifestações, tão calorosas e brillantes que ali me fizera a mocidade bracharense, não foram sómente a explosão d'um enthusiasmo de momento mas o testemnhho d'um sentimento duradouro proveniente d'uma convicção firme.

Ha muito quem accuse os rapazes de inconstantes e voluveis; quem diga que a gente nova facilmente escarnece e amesquinha n'um dia os mesmos que na vespera aclamára. A carta de v., a lembrança da academia de Braga que ella transmittio, veic-me provar o contrario: de coação lh'o agradeço.

Pede-me v. um artigo sobre a Restauração da nossa independencia, para a publicação com que a academia de Braga quer celebrar o 258.º anniversario d'aquelle memoravel acontecimento. Confesso que me vejo embaraçado para satisfazer tão honroso pedido.

Eu nunca fui escriptor e da restauração de 1640 teem-se occupado os mais distinctos d'entre os historiadores portuguezes; comprehende-se assim quanto me é difficil escrever, sobre este assumpto, cousa que possa merecer publicação entre os demais artigos celebrando a independencia de Portugal — mas respondendo com o silencio a tão amavel convite, poder-me-iam alguns suppôr deslembado ou mal agradecido aos estudantes, a todos os habitantes da veneranda cidade de Braga e d'essa provincia do Minho, a primeira pela antiguidade e pelo sentimento nacional de todas as que constituem o nosso paiz; e este receio desfez-me as justificadas duvidas, as desculpaveis hesitações.

Tem havido muitos que consideram a revolução de 1640 como uma catastrophe para Portugal. Decorridos mais de dois seculos e meio, parece-me ociosa e, no momento historico actual, anti-patriotica, a discussão das consequencias d'esse facto. Seja qual fór o modo de pensar a tal respeito de cada um, ninguem pode contestar que a revolução de 1640 e principalmente a dilatada guerra que se lhe seguiu, foram provas irrecusaveis da energia, da vitalidade d'uma nação que o desastre d'Alcacer Kibir parecera ter aniquilado para sempre. Toda a audacia dos quarenta conjurados, toda a sagacidade politica de D. João IV, e o auxilio realmente pouco valioso de extranhos, teriam sido infructiferos se a sua acção não houvesse encontrado a alma nacional palpitante d'energia, n'um povo que se sentia vivo e que estava resolvido a viver, custasse o que custasse. Montijo, o Ameixial, as linhas d'Elvas, Montes Claros, são paginas brillantes d'um livro que os portuguezes devem ter de cór para o poder reeditar quando seja preciso.

E esta necessidade que toda a nacionalidade tem, de ir retemperar a alma na historia do passado para se precaver contra successos futuros, é a justificação das celebrações dos centenarios e anniversarios, é a razão de ser dos monumentos. Ora sem duvida temos sido ingratos para os heroes da guerra da independencia. Os grandes vultos da Era das conquistas e descobertas, projectaram a sua sombra de gigantes pela nossa historia mettendo no escuro os que, com recrutas tirados d'um povo que havia quarenta annos soffria o jugo estrangeiro, souberam repellar os celebres terços, cuja derrota em Rocroy bastou para que de Bourbon passasse a ser o grande Condé e que, em Napoles, no Milanez, nas Flandres, na Catalunha mantiveram por tanto tempo inabalavel o dominio da casa d'Austria, contra os constantes ataques das potencias rivaes e os frémits da revolta dos povos conquistados.

Ha em Portugal estatuas levantadas a poetas, a oradores, a politicos, a generaes que tiveram a má sorte de mais se distinguir em luctas fratricidas do que em guerras nacionaes. A par d'isso deixam quasi no olvido Mathias de Albuquerque, D. Sancho Manuel, o Marquez de Marialva, Pedro Jarques de Magalhães!

No momento angustioso por que estamos passando, está tão toldado o horizonte politico da Europa que se nos apresenta um futuro tenebroso a mais não poder. Haja fé, haja energia e vontade, estoicismo bastante para que o egoismo desapareça perante os interesses nacionaes, coragem sufficiente para não esmorecer perante os maiores perigos as mais temerosas ameaças e, com o favor de Deus tudo se ha de salvar. Por isso é mais que nunca azada esta occasião para lembrar os nomes d'aquelles a quem devemos poder ser ainda portuguezes, por isso é mais que nunca opportuna a manifestação na qual me convida hoje a tomar parte a academia de Braga, manifestação para que concorro com estas mal alinhavadas phrases a que só póde dar valor a absoluta sinceridade com que as escreve quem se esforçou sempre, seguindo de longe o exemplo dos heroes que hoje celebramos, por ser como elles, um portuguez crente nos destinos da nação e um soldado sempre leal ao Rei e á Patria.

Quinta da Gandora—Leiria
17 de novembro de 1898.

J. Mousinho de Albuquerque.



DA Patria dias felizes
Alembras, Luso, bemdizes;
D'amor as santas raizes
Estendes no coração!
Da Fé, da crença, da espada,
Arrimo, esp'rança elevada,
Jamais a força deixada,
Não morte... vês salvação.

Braga.

Padre Roberto Maciel.



O erro de 1640



A ainda hoje, entre nós, muitos espiritos que lamentam o ter-se interrompido em 1640 a unidade iberica, consummada sessenta annos antes pelo taciturno filho de Carlos V, aquelle que, a respeito de Portugal, dizia:—*Herdei-o, conquistei-o e, para tirar duvidas, comprei-o.*

Era assim que ficariamos na historia — como o simples objecto d'uma herança real, como um povo escravizado, como uma nação vendida! — se se commette o erro de 1640. Abençoado erro! Foi elle que nos salvou d'um fim ignominioso, que nos resuscitou como nação e que, com o seu heroico esforço pela independencia, respondeu nobremente á phrase aviltante e desdenhosa do sombrio tyranno do Escorial.

Luiz de Magalhães.



A INDEPENDENCIA



O celebrarmos esta data memoravel da historia portugueza não é preciso pôr em foco as vantagens que provieram da revindicação da nossa autonomia, embora haja para ali uma certa gente, que nas melhores intenções d'este mundo ousa afirmar que o PRIMEIRO DE DEZEMBRO foi um erro, pois se as cousas continuassem como estavam, já hoje se contava como consolidada a união dos dois povos em uma grande nação.

Nunca foi este o meu pensar, mercê de Deus, nem jámais me poderei convencer de que sejam verdadeiras as premissas d'este argumento, pois não creio que são grandes os paizes por se medirem mais amplamente no mappa e contarem maior numero de habitantes, nem julgo que a unidade politica possa jámais envolver a unidade de raças bem diversas no genio, nos costumes, nas aspirações e nos ideaes: se me parece que a historia das nações confirma a these de que a grandeza d'estas não se mede pela maior ou menor extensão territorial, a chronica dos nossos dias bem demonstra quanto ainda estão desunidas as varias provincias de Hespanha, apesar de agrupadas sob uma unica bandeira.

Ora, se não é urgente evidenciar a utilidade dos esforços dos briosos conspiradores de 1640, nem é indispensavel o trabalho de converter os bens intencionados que laboram em um erro palpavel, para que vêm os estudantes promover a ruidosa festa da Independencia?

Os estudantes fazem muito bem em consagrarem os seus enthusiasmos a estas solemnisações nacionaes que são a revelação da pureza dos seus generosos sentimentos patrioticos; são altamente louvaveis pela sua calorosa iniciativa que está bellamente revelando a verdura dos annos, o fulgor da mocidade, a sinceridade das crenças e o arraigamento de louvaveis convicções civicas: o que está superior a todo o elogio.

Mas os homens como eu, que já ha mais de vinte e cinco annos deixei de ouvir a sineta das aulas, quando nos fallam de Independencia Nacional, acompanhamos as manifestações por um dever patriotico, mas não conservamos já o mesmo calor ácerca da independencia da patria, por termos visto deslisarem deante de nós as maiores quebras da independencia.

Se alguns dos leitores não gostar d'este modo por que eu venho hoje para aqui com esta caturrice, que medite no perigo a que estão expostos os nossos dominios ultramarinos e que admire a nossa *independencia colonial*; que pense no modo como estão as finanças e que louve a nossa *independencia economica*; que repare nos processos por que se fazem eleições e que applauda a nossa *independencia administrativa*; que attenda ás continuadas perseguições á imprensa e que exalte a nossa *independencia politica*!

Ainda bem por vós, oh sympathicos estudantes, cheios de mocidade e crenças; vós sim, festejaes a Independencia Nacional!

F. J. Patrioio.



PRIMEIRO DE DEZEMBRO (1898)



AS festas da independencia patria synthetizam um culto; e o primeiro de dezembro firma a data gloriosa da nossa independencia. Saudar este dia é honrar os heroes da patria!

Nos tempos escuros em que pretendidas combinações internacionaes deitam sôrtres sobre o nosso dominio colonial—condição essencial da independencia patria, de-

vemos mergulhar no passado e ali temperar a lusa coragem civica ao calor do incendiado patriotismo que inflamou os eminentes vultos do Velho Portugal. A restauração de 1640 é uma recordação heroica e um exemplo sublime.

Coimbra—25 | XI | 98.

Abel Anárade.



A MINHA PATRIA

ALMAS de tempera estoica
E sans crenças enraizadas
Te fizeram terra heroica
N'outras epochas passadas.

Foste grande de pasmar,
Inveja de todo o mundo:
Já nações a conquistar,
Já do maudo o mar profundo...

Hoje, porém, deshonrado
Vejo—oh, dor!—o teu passado
E escuro o teu porvir.

Dê-te crença a Divindade!
Dê-te sangue a mocidade!
E que possas resurgir!

Julio de Lemos.



Recordações



AINDA me lembro, ainda me lembro! Ai! e que pena eu tenho de não possuir *les manchettes brodées* de Buffon, para contar em rendilhado estylo as minhas recordações!...

Quando eu era estudante, nos primeiros annos que passei em Coimbra — já lá vae tanto tempo! — havia sempre um enthusiasmo doido, no dia primeiro de dezembro, a grande data patriotica.

Pela madrugada d'esse dia, mal que a aurora se levantava do seu leito de neblinas, envolta ainda n'um diaphano veu côr de perola, e começava de tingir se de rosa e oiro o immaculado azul do ceu — aquelle formoso ceu de Coimbra que se espelha na agua mansa do Mondego, o rio dormente dos sinceirae e das serenatas — pela madrugada, dizia eu, começavam de ouvir-se as musicas, saudando a alvorada, e no ar estralavam os foguetes festivaes, annunciando á cidade adormecida que era nado, enfim, o dia em que fazia mais um anno que este nobre e altivo povo portuguez, cortando as garras aduncas aos leões castelhanos, despedaçara os ferreos grillhões que o prendiam e acorrentavam ao dominio da Hespanha.

Todo o dia as ruas da Athenas portugueza eram per-

Coimbra

corridas por bandas de musica e grupos de academicos — capas ao vento, cabellos soltos, no olhar a faisca luzente da mocidade e da alegria — soltando vivas e saudações de patriotico enthusiasmo.

A' noite, no theatro Academico, o velho templo da arte coimbrã, hoje extincto, onde tantas gerações de poetas sacrificaram a Calliope e a Thalia, onde tantas vocações musicas celebraram de pontifical a Hlydo — o pae da symphonia, e a Beethoven — o prodigioso genio creador das sonatas divinas e dos immortaes quartettos, no velho theatro Academico, engalanado de colchas de damasco e afestado de grinaldas de verdura e flôres, havia recita de gala, em que os estudantes que mais vocação tinham para a scena, representavam peças theatraes, allusivas á commemoração festiva, e recitavam poesias, chispantes de rubro enthusiasmo. Pelos camarotes, escalonavam-se as mais formosas damas do velho burgo coroado pela torre de menagem do alcaçar da sciencia; na plateia negrejavam os trajas dos academicos e as casacas dos convidados; pelo ar corria uma animação fervente, estonteadora como um doirado vinho capitoso, espumejante; e quando o panno baixava, no final dos actos, as aclamações reboavam e irrompiam, phreneticas; sobre os improvisados actores cahia uma perfumada chuva de petalas de rosas; e as capas pretas voavam lhes até aos pés, como se foram grandes aguias negras que, na larga envergadura das suas azas gigantes, ali abatessem o vôo, para virem saudar — ellas, rainhas das aves — o anniversario do dia glorioso em que um povo, rei dos povos valentes, volvera á independencia e á liberdade!

Oh! era um dia festivo, d'antes, o primeiro de dezembro, em Coimbra! E depois, sempre é bom dizer-se, era dia de feriado...

Lembro-me ainda tão bem!... E, comtudo, já lá vão decorridos tantos annos, tantos!

Depois, esta velha usança foi decalhindo, o enthusiasmo foi esfriando, e, para a academia, o dia primeiro de dezembro passou apenas a ser um dia de feriado, vulgar e banal como qualquer outro. Pois foi pena que assim succedesse!

Ah! como era alegre, despreoccupada e feliz a vida academica de Coimbra, e como eu, ao despedir-me da formosa cidade do Mondego, comprehendi bem a dôr immensa de Boabdil, o rei mouro vencido, ao deixar para sempre Granada, onde lhe ficava preso, entre as laçarias rendilhadas e os imbricados lavores da ideal Alhambra, o seu dorido coração, a estalar de cruciantes saudades!...

15—nov.—98.

Antonio Cabral.



João Pinto Ribeiro

... confusa ...
... gloria ...
... de larga historia ...

Camões — C. IV. E. 64. Lusíadas.

I. — Não medra com phantasias o viço da historia, nem ella viceja ainda com longa vida.

Mais anno menos anno — mais dia menos dia — ella estiola e definha, «crestada aos raios do sol da critica esmerilhadora».

E o Dr. João Pinto Ribeiro como exemplo o comprova assaz.

II. — Por longa temporada foi elle tido e havido — «nas escholas publicas e no lar domestico» — por ALMA GALVANISANTE da revolução patriota de 1640, «desmoronadora da monarchia philippina da Hispania entre nós».

E ainda agora mesmo em nossos dias — em ultrage lendario á verdade — não poucos d'entre nós estão assim tomando ainda a nuvem por Juno, «acorrentados nas gargalheiras da falsidade».

III. — Foi só tardiamente, «em 12 do Outubro de 1640», que soubera dos INTENTOS REVOLUCIONARIOS o Dr. Pinto Ribeiro — «oriundo d'ascendentes amarantinos, e consequentemente de procedencia filial do Entre Douro e Minho».

E com insistencia recusára elle ainda — «nos primordiaes momentos da noticia» — galvanisar o tam tibio Duque de Bragança, quam affouta era a sua consorte D. Luíza de Gusmão — embora de subida proveniencia castellhana.

IV. — Na HISTORIA DE PORTUGAL RESTAURADO, «Tom. I. Pag. 88», testimunha tudo isto o Conde da Eiviceira, («D. Luiz de Menezes»), em 1679 pela primeira vez.

E roborado tinha tudo isto mesmo, «em 1642», o proprio Dr. João Pinto Ribeiro — na sua USURPAÇÃO, RETENÇÃO, E RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL, «na pag. 220»

V. — Em ESCRITOS NOSSOS, «em 1881 e 1885», procuramos corrigir a «lenda phantasiada» da ALMA GALVANISANTE do Dr. Pinto Ribeiro — sem todavia intentar menos-cabar os seus serviços, por elle prestados ulteriormente á autonomia patria.

Fizemol-o todavia assim — como depois de nós o fizera tambem, «em 1882», o illustrado Visconde de Sanches Baena — para que não continuasse a girar mais como moeda de lei, (servindo-nos de CAMÕES NOS LUSÍADAS, Cant. IV. Est. 116:

... fama e gloria soberana.
... com quem se o povo nescio engana».

Braga, 1898.

O Decano do Lyceu, *Ferreira-Galdas*.



1.º de Dezembro de 1640

(SABBADO)

«Anno de vinte, quem te não vira!»
«Anno de trinta, quem te passára,»
«Anno de quarenta, quem te gosára!»

(Inscrip. gôthica da egr. de Alemquer.)

DESPONTA alegre o dia! O sol ardente
Raios dardeja de esplendente luz;
Do lethargo desperta a Lusa gente
E glorias mais produz.

Era já longa a escravidão soffrida!...
Annos sessenta supportou grillhões
Este povo que á independencia querida
Entoa saudações.

Que seja D. João IV o promettido
Do prophetismo — a poderosa mola
Da fliz restauração — têm concebido
Os filhos de Loyola.

A carta que enviára S. Bernardo
Ao grande Affonso Henriques, rei primeiro.
E, de Trancoso o celebrado bardo
Bandarra, sapateiro.

Ao publico indicavam com proveito,
Porque animos assaz enfraquecidos
De prompto accorrem ao ditoso feito
Heroicos e aguerridos.

Saudemos com vehemencia os conjurados!
E os prophetas do seculo presente
Ouçamos quando julgam, contristados,
A Patria decadente.

A causa triumphará, ó juventude,
Se a realidade as illusões vencer;
Luctae, luctae co'a mór solicitude,
Luctae até morrer.

Guimarães,
1898

Albano Fellino



É o candido sangue de um coração triste é ter-
so e lucente crystal, onde se retratam os
acervos de espinhos de tormentosa dôr, os
ecos melancolicos dos animos portuguezes
opprimidos bem traduzem o funereo e lasti-
moso luto dos heroes de Ourique, em 1578.

Foi, então, que turbida nuvem envolveu e
deslustrou a gloriosa reputação dos esforçados Lusos: foi
então, que essa altiva cabeça da Europa, erguida nas
mais derradeiras praias, viu tombar no abysmo da ignomi-
nia a sua illustre gloria de conquistador de Meca e perdi-
dos os direitos de vassalagem da Persia e d'Arabia.

Alcacer-Kibir foi o caliginoso tumulto dos thesouros
portuguezes, e a terrifica voragem do aureo sceptro do in-
clito e mavorcio Portugal.

O sangue das Quinas, tão ignominiosamente vexado,
havia-se tornado benevolo e invicto patrocínio; véa peren-
ne de brotar de heroismo; e manancial auspicioso de um
futuro risonho e pleno de triumphos.

Ao horrido e luctuoso dia 4 de agosto de 1578, suc-
cedeu o suspirado e rutilante primeiro de dezembro de
1640.

Roxeára os pulsos diamantinos dos heroes portuguezes
a dura e infame braga da escravidão: cobrira as respeita-
veis faces de gloriosos vencedores o vergonhoso e humi-
lhante sendal do captiveiro: ateára o vehemente e voraz in-
cendio do desespero a tyrannia que vexava, a dependen-
cia que humilhava, e o jugo que envilecia.

Tão dura humilhação não podera supportar o decan-
tado heroismo d'essa geração illustre, que fôra invicta
emula do fatal romano que então era considerado como vil
producto das fezes populares.

Despontou fulgurante, e para sempre memorando, o 1.^o
de dezembro de 1640: e um pequeno numero de homens
esforçados, briosos e denodados, rompe como dominio es-
tranho, que infamava, proclama a independencia, que ci-
menta, a nacionalidade, e conquista a liberdade, que recu-
pera a honra e escuda os direitos do opprimido.

E o labaro lusitano, derrubado e captivo, hasteou-
se e tremelou victorioso em todos os fortes e ameias des-
de o Minho ao Guadiana.

E essa nação—assoladora de vastos dominios—beijou
respeitosa o sangue de seus magnanimos varões de illus-
tre nome, e envolveu com preclara mortalha, os restos
mortaes de seus adorados e dignos filhos.

Fernandes Paz.



DORMITANDO...

Um dia, sobre o leito recostado,
Depondo da fadiga o pezadello,
d'um fugitivo sol, immaculado,
me revolvia o seio ardente anhelado!...

Era que a mente, em longes divagando,
às sombras se furtava d'atro coo,
em vaivem duvidoso fluctuando
de escravas existencias n'um scarceo...

E, depois que, submerso em devaneios,
dormente, assim eu posto, me tornava,
ella, adejando em convulsivos anccios,

voejando, ao longe, ao largo mais se alava,
cortando de incertezas os receios,
em busca d'este sol que ella anhelava.

Abel de Freitas.



1640—1.^o DE DEZEMBRO—1898

A liberdade e a patria erguem seu estandarte,
E a historia do tyranno soffreu mais um revez.

Soares de Passos.



notavel acontecimento historico portuguez do
1.^o de dezembro, em 1640, resume em si uma
synthese de dous sentimentos,—o amor da
patria e o amor da liberdade—; e, no dizer
d'um eminente e distinctissimo orador sagra-
do portuguez, o amor da patria é SAGRADO,
o amor da liberdade é SANTO.

Ha na vida dos povos duas idéas princi-
pales, espontaneas, intimas que se propagam eternamente
e irresistivelmente quaesquer que sejam as condições e as
circunstancias exteriores e mesologicas:—A IDÉA DE PA-
TRIA E A IDÉA DE LIBERDADE, que coexistem ou geram sen-
timentos correspondentes e homogeneos. A mocidade, e
nomeadamente a mocidade estudiosa de cada paiz, é a
depositaria e a herdeira d'essas idéas e d'esses sentimen-
tos correlativos; a ella, portanto, compete, no momento
historico chronologicamente proprio, patentear que o é
com effeito, e que conserva, inalteraveis como a sua es-
sencia,—idéas e sentimentos,—que por elles vela, por
elles se guia, e que os estremece e que os adora. Assim
é, pois, duplamente respeitavel e sympathica; por que é
n'ella que está o germen do futuro e n'ella é persistente
a inspiração do que ha de mais nobre e mais sublime na
vida d'uma sociedade ou d'uma nação.

E que mais francamente patente, mais levantada, mais
espontanea e mais brilhante do que a demonstração ho-
dierna dos Academicos de Braga e mais reveladora dos
ideaes e dos quilates da fina tempera dos seus animos ge-
nerosos? Para as almas de eleição, para os espiritos allu-
miados pela sciencia e acrisolados pela experiencia, que
observam reflexivamente com olhar pousado essa demon-
stração, descobre-se ali a pura genuinidade do pensar e
sentir academicos, reconhecendo-se que são elles, esses
novos, os directos e dignos successores e continuadores
das heroicas gerações que as precederam, e que ali, n'es-
se conjuncto de môços existe a FIBRA MODERNA consoante a
pittoresca expressão d'um elegante e encantador estyllis-
ta francez. (*)

Assim, pois, na legitima comprehensão do pensamen-

(*) Laugel.

to e do sentimento da mocidade bracarense, no modo festivamente calmo e sinceramente entusiastico como as revelaram, restrictamente ao facto historico nacional que se celebra, não ha nem pôde haver lugar para quaesquer reparos. Se a roda do carro do infortunio esmaga actualmente as victimas que elle arrasta, a dôr que d'ahi promana é altamente respeitavel e n'um coração amigo se reflecte; o contrario seria uma affronta ou um ultrage, e não é, e nunca foi, de um coração verdadeiramente portuguez.

E bem o sente e assim o comprehendê a nação portugueza e o comprehendem e o manifestam os Academicos de Braga, actuaes representantes do nosso paiz, n'esta celebração jubilosa. A elles, por isso, as nossas saudações, os nossos incentivos para a continuação de tão esplendidas demonstrações como as de hoje em porvindouros tempos.

Francisco Ferreira da Cunha.



AOS ACADEMICOS DE BRAGA



ILLUSTRES e nobres Academicos, a minha alma conserva-se extatica, ao presenciar o vosso entusiasmo, a vossa gratidão, os vossos nobilissimos sentimentos e as produções da vossa intelligencia, que não são mais, que manifestações sinceras do que vos vae na alma, manifestações sinceras de um coração portuguez.

A minha alma, digo, ao recordar o DIA HEROICO DE 1640, rompe, como vós, em expansões entusiastas, dizendo assim:

SALVÉ! ESTE DIA GLORIOSO, que viu despontar, no sensível horisonte, essa estrella radiante, á luz da qual se desvendou o véo, que, durante sessenta annos, encobriu a NOSSA LIBERDADE POTENTOSA E FULGURANTE!

SALVÉ! OS HEROES D'ESTE GRANDE DIA, cujos nomes estão esculpidos, com letras de ouro, nas paginas fulgentissimas da nossa historia patria!

SALVÉ! TAMBEM TÚ, Ó MEU QUERIDO PORTUGAL! O teu nome, que outr'ora se estendeu pelas regiões do Oriente e do Occidente e era incomparavel ao de nação alguma, vê-se, hoje, por assim dizer, mergulhado n'um abysmo profundo. Tu, outr'ora eras pequeno, mas a tua força e valentia era immensa; hoje, desgraçadamente, és pequeno, és pobre, és despresado. Levanta-te d'esse abysmo, em que estás quasi submerso, mas, para isso, é preciso, que digas, aos teus filhos, que lêam, com verdadeiro patriotismo, as paginas doiradas da tua historia.

Dize-lhes, que imitem UM AFFONSO HENRIQUES, UM VASCO DA GAMA, um João I, um Affonso V e tantos outros, que te augmentaram; que imitem os HEROES DE 1640, que te libertaram.

Lembra-lhes, que, nos seus corações de portuguezes, saltitava gracioso um sentimento nobre e sublime—ERA A LIBERDADE. Lembra-lhes, que ella é tua irmã; que jazeu desterrada, durante alguns annos, mas, que tu, seu irmão querido, foste a procural-a, encontraste-a, abraçaste-a, e juntos viveis ha dois seculos.

Braga, 25—11—98.

Joaquim José d'Oliveira.



Libertas!..



.....
lá ao longe, por cima das escarpadas montanhas, vinham apparecendo os fogosos cavallos do coche de Phebe.

As florinhas do prado, com sua variegada mescla, abriam as mimosas corollas aos primeiros beijos do Astro-Rei.

As avesinhas, saltitando de ramo em ramo; espreguiçando-se do lethargo em que jaziam ha pouco, saudavam, na sua linguagem farfalhante, o brilho refulgente do Rei do Dia.

Os camponezes, saindo das ternas choupanas, d'esse lar que tantas saudades imprime em nossos corações, de enxada ao hombro, com as mangas da aspera camisa de linho arregaçadas, a deixar vêr os musculos fortissimos de que a Mãe-Natureza os dotara, lá se encaminham, para as campinas e varzeas, a cultivar esses thesouros occultos, que Deus lhes deixára em recompensa do suor do seu rosto.

.....
E o camponez já trabalhava; já o Sol despedia seus raios formosissimos; já as avesinhas galanteavam-se com suas mil-plumosas côres; já as boninas deixavam o orvalho matutino, que então se evolava pelos confins do espaço; já as mariposas sugavam, aqui, e alli, o pollen das lidimas flôres do alecrim, quando os surprehendera a imagem d'uma densa virginal.

O Sol, de medroso, eclipsara-se; as avesinhas emmuderam; as boninas enervaram-se; as mariposas largaram a tarefa do grangeio do pollen; e o camponez, largando as ferramentas do ganha-pão de sua casa, ajoelha e diz:

—Quem és tu, ó Virgem, que ousas perturbar a luz do Dia?

Quem és tu que possues tão louras tranças, d'onde irradia a olencia mais enebriante?

Quem és tu que conduzes um velho andrajoso, arastando ainda os duros ergastulos da prisão?

Quem és tu que, com mãos tão liberaes, espalhas bençãos d'Amôr e d'Alegria?

Quem és tu que tens um rosto alvinente, formado da espuma do mar? Quem és tu, dize-me, ó Virgem!...

«Eu sou a **LIBERDADE!** e este ancião que me segue, de vulto austero, é **PORTUGAL!**

E' aquelle Nauta que, n'uma caravella original, sulcava mares nunca d'antes navegados!

E' aquelle Heroe que, radioso como a Aurora, illuminara, com os raios da Civilização, as plagas arenosas da negra Lybia!

E' aquelle Anjo que traz em seu coração engastados os **RUBIS** de Christo!

E' aquelle destemido Soldado que, arrostando a morte, ainda hontem agarrou com mão titana o regulo **INVENCIVEL!**

E' este o Ancião que, dormira um somno de perfidia, no berço ignominioso do carcere de Leão!

Eil-o: cheio de cans e velho e depauperado, mas ainda é **PORTUGAL!**

E, acabando de proferir estas palavras, vóa espaços —fôra.

.....
E o Sol eclipsado despontou de novo a illuminar o Universo!...

BRAGA.

Licença da Costa.

DECLARAÇÃO

Os escriptos dos Ex.^{mos} Collaboradores vão publicados pela ordem por que os recebemos para não atrazar o serviço da impressão.

Deixamos de publicar varios artigos por absoluta falta de espaço. D'isto pedimos muita desculpa aos seus illustres auctores.